

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA  
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**NEY DANIEL BATISTA**

**A INSERÇÃO DA FIGURA MASCULINA NAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM  
BRASILEIRAS: uma revisão histórica**

**Juína-MT**

**2018**

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA  
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**NEY DANIEL BATISTA**

**A INSERÇÃO DA FIGURA MASCULINA NAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM  
BRASILEIRA: uma revisão histórica**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Enfermagem, da AJES - Faculdade do Vale do Juruena, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, sob a orientação do Professor Me. Victor Cauê Lopes.

**Juína-MT**

**2018**

**AJES - FACULDADE VALE DO JURUENA**

**BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

BATISTA, Ney Daniel. **A Inserção da Figura Masculina nas Escolas de Enfermagem.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – AJES – Faculdade do Vale do Juruena – MT, 2018.

**Data da defesa:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Membros Componentes da banca examinadora:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Me. Victor Cauê Lopes**

ISE/AJES

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Isanete Geraldini Costa Bieski**

ISE/AJES

---

**Membro Titular: Profa. Me. Leila Jussara Berlet**

ISE/AJES

**Local:** Associação Juinense de Ensino Superior

AJES – Faculdade do Vale do Juruena

**AJES – Unidade Sede, Juína-MT.**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Deus que sempre me ilumina todos os dias de minha vida. E também a minha esposa e filhos que sempre me apoiaram neste caminho da minha Graduação

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha esposa Rosilei e filhos Rafael e Luiz por terem sido companheiros e pacientes nas horas em que não pude dar atenção, por estar envolvido com os estudos, estes sempre foram minha maior fonte de inspiração e força para chegar ao final do curso.

Sou grato aos amigos, a todos da minha família, por acreditarem e apoiarem meu sonho. E por fim, agradeço ao meu orientador professor mestre Victor pela paciência e disponibilidade, e também a todos os meus demais docentes que fizeram parte dessa minha caminhada em sala de aula, meu muito obrigado.

## RESUMO

**Introdução:** A imagem masculina na Enfermagem brasileira é traçada por uma trajetória de luta por reconhecimento no espaço profissional, recontada de modo a compreender os percalços e a importância do homem Enfermeiro. **Objetivo:** Identificar na literatura como se procedeu a inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileira. **Método:** A metodologia adotada nesse estudo foi de revisão bibliográfica, abordagem narrativa. **Resultados:** Foram encontrados 12 artigos que mostraram a participação masculina em algumas das escolas de enfermagem brasileira, no qual a primeira escola a aceitar homens foi a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, iniciando os primeiros passos para profissionalização da Enfermagem no Brasil em 1890, em que seus atributos de força foram os primeiros requisitos de inserção. Embora somente na Enfermagem moderna partir de 1923 com a Reforma Universitária o acesso foi se ampliando garantindo que a enfermagem pudesse ser cursada por qualquer gênero. **Conclusão:** Conclui-se que o homem passou por uma trajetória longa de aceitação profissional, visando desde então marcar seu espaço nessa profissão, no qual a vinculação da Enfermagem com o gênero feminino, fez disso uma barreira de inserção nos cursos de enfermagem no Brasil.

**Palavras-chave:** Masculino. Gênero. Enfermagem

## ABSTRACT

**Introduction:** The masculine image in the Brazilian Nursing is traced by a trajectory of fight for recognition in the professional space, retold in order to understand the mishaps and the importance of the man Nurse. **Objective:** To identify in the literature how the male figure was inserted in the Brazilian nursing schools. **Method:** The methodology adopted in this study was a bibliographical review, narrative approach. **Results:** 12 articles were found that showed the male participation in some of the Brazilian nursing schools, in which the first school to accept men was the Professional School of Nurses and Nurses, beginning the first steps towards professionalization of Nursing in Brazil in 1890, in that its attributes of strength were the first insertion requirements. Although only in the modern Nursing from 1923 with the University Reform the access was widened guaranteeing that the nursing could be attended by any gender. **Conclusion:** It was concluded that the man went through a long trajectory of professional acceptance, aiming to mark his space in this profession, in which the linkage of Nursing with the female gender, made this a barrier of insertion in nursing courses in Brazil.

**Keywords:** Male. Genre. Nursing

## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 01.....  | 18 |
| Quadro 2 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 02.....  | 19 |
| Quadro 3 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 03.....  | 19 |
| Quadro 4 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 04.....  | 20 |
| Quadro 5 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 05.....  | 20 |
| Quadro 6 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 06.....  | 21 |
| Quadro 7 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 07.....  | 21 |
| Quadro 8 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 08.....  | 22 |
| Quadro 9 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 09.....  | 22 |
| Quadro 10 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 10..... | 23 |
| Quadro 11 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 11..... | 23 |
| Quadro 12 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 12..... | 24 |

## **LISTA DE SIGLAS**

|                 |  |
|-----------------|--|
| <b>FIOCRUZ</b>  | Fundação Oswaldo cruz  |
| <b>COFEN</b>    | Conselho Federal de Enfermagem                               |
| <b>BVS</b>      | Biblioteca Virtual de Saúde                                  |
| <b>SCIELO</b>   | Scientific Eletronic Library Online                          |
| <b>BDENF</b>    | Base de Dados da Enfermagem                                  |
| <b>CVB-FESP</b> | Cruz Vermelha Brasileira - Filial de Enfermagem de São Paulo |

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - Fluxograma dos termos utilizados, resultados e amostra incluída, Juína-MT, 2018   | 16 |
| Figura 2 - Foto de formandos do Curso de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira – Filial de Enfermagem de São Paulo (CVB-FESP) ..... | 26 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 11 |
| <b>1 OBJETIVO</b> .....   | 13 |
| <b>2 MATERIAL E MÉTODO</b> .....  | 14 |
| 2.1 TIPOS DE ESTUDO .....   | 14 |
| 2.1.1 Questão Norteadora .....  | 14 |
| 2.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO .....                                | 14 |
| 2.3 COLETA DE DADOS .....   | 14 |
| 2.4 ANÁLISE DOS DADOS .....   | 15 |
| <b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....                                     | 18 |
| 3.1 CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS E APRESENTAÇÃO DOS ESTUDOS .....        | 18 |
| 3.2 O CHAMADO PARA A PROFISSÃO E AS PRIMEIRAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM ..... | 24 |
| 3.3 ABRINDO HORIZONTES PARA O INGRESSO MASCULINO.....                     | 27 |
| 3.4 O PSICOLÓGICO DO HOMEM ENFERMEIRO .....                               | 29 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 32 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 33 |

## INTRODUÇÃO

Este estudo destaca como tema a trajetória da inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileira, e segundo Campos e Oguisso (2008) há um anacronismo na identificação da profissão como eminentemente feminina, sendo comum encontrar na literatura autores que idealizam a enfermagem dando destaque apenas a uma personagem principal, a enfermeira, assumindo uma verdade na representação da enfermagem como profissão própria para mulheres, o que se justifica frente à história do desenvolvimento da enfermagem moderna.

“A feminilidade na Enfermagem se deu quando esta passou a ser reconhecida como profissão na Inglaterra, tendo como fato influenciador a defesa de Florence Nightingale à exclusividade da profissão à mulher numa luta feminista na época, embora já conviesse em seu tempo, destacando que [...] o homem é tão necessário na profissão quanto à mulher” (HORTA, 1968, p.2).

Nesse sentido a Enfermagem brasileira desenhada segundo os moldes de Nightingale foi trazida pelas enfermeiras norte-americanas Ethel Parsons e Clara Louirser Kienninger no início deste século XX, sendo considerado um ponto de partida no advento da Enfermagem moderna em nosso país (MEDEIROS, TIPPLE, MUNARI, 2008).

Portanto o marco dessa implantação da Enfermagem Moderna no Brasil a partir dos anos 1920 e 1930 fez com que o ensino na área se expandisse para atendimento nas demandas desses profissionais impulsionado basicamente pela crescente urbanização e pelo processo emergente de modernização dos hospitais transferindo a Enfermagem das congregações religiosas às mãos laicas (VERDERESE, 1979 apud MEDEIROS, TIPPLE, MUNARI, 2008).

Pereira (2008) explica que o modelo nightingaleano de enfermagem foi adotado no Brasil e fez da profissão uma prática culturalmente pensada e estruturada como feminina e somente após quase três décadas de sua implantação no Brasil como profissão é que foi permitido o ingresso na academia da imagem masculina, antes permitido apenas às mulheres.

Nesse contexto uma pesquisa sobre o perfil da Enfermagem no Brasil Cofen/Fiocruz (2013), mostra que os profissionais de enfermagem em pleno século XXI ainda são maioria feminino, um quantitativo de 84,6% de mulheres, e a figura masculina registra-se a presença de 15%, afirmando que nessa profissão está havendo uma crescente tendência quanto à maior participação masculina na categoria no decorrer dos tempos.

Portanto Segundo a Lei 7.498 de 25 de Junho de 1986 a “Enfermagem é exercida privativamente pelo Enfermeiro, pelo Técnico de Enfermagem, pelo Auxiliar de Enfermagem e pela Parteira, respeitados os respectivos graus de habilitação”. Porém neste estudo pretendemos buscar a presença masculina voltado ao profissional Enfermeiro de nível superior no que tange aos modos de sua inserção nos serviços dessa profissão.

A justificativa em discutir a temática é relevante no meio acadêmico, pois há pouca presença de alunos homens nos cursos de Enfermagem atualmente, pontua assim Parga et al (2001) que “não se trata, na verdade de um duelo ou guerra dos sexos [...]”.

Para Kletemberg e Siqueira (2003, p.61) os saberes próprios da Enfermagem foram adquiridos na prática da observação atenta, na soma de experiências, nos desafios que iam surgindo e com isso iam dando respostas construindo novos conhecimentos. Essa discussão percorreu muitos caminhos “o que pode ser resgatada ao privilegiar-se a perspectivada análise histórica”.

Partindo daí o objetivo da pesquisa: Identificar na literatura como se procedeu à inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileira, afinal, conhecer a história da sua institucionalização no Brasil amplia o entendimentos sobre o cenário profissional e acadêmico que vivemos hoje.

A metodologia adotada nesse estudo foi de revisão bibliográfica, abordagem narrativa. No qual buscou respostas para a problemática levantada: Quais as evidências publicadas sobre a inserção do homem nas escolas de enfermagem brasileira?

## **1 OBJETIVO**

Identificar na literatura como se procedeu a inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem do Brasil.

## **2 MATERIAL E MÉTODO**

### **2.1 TIPOS DE ESTUDO**

Trata-se de estudo de revisão bibliográfica, por ser produção que se constitui a partir de material já elaborado por fontes de livros e artigos científicos (GIL, 2008).

Embora tenha sido adotado este tipo de revisão, deve-se ressaltar que algumas estratégias metodológicas próprias de revisões sistematizadas foram utilizadas neste estudo, a fim de permitir melhor captação da literatura no tema e facilitar o processo de análise, apresentação e discussão dos achados.

#### **2.1.1 Questão Norteadora**

Quais as evidências publicadas sobre a inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileiras?

### **2.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO**

Os critérios de inclusão foram: artigos, dissertações e teses, abordar o tema inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileiras, sem delimitação de tempo.

Crítérios de exclusão foram: livros, folhetos informativos e outros documentos da literatura cinzenta.

### **2.3 COLETA DE DADOS**

As bases de dados da área da saúde foram acessadas via portal da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) que permite acesso das principais bases e banco de dados: LILACS (Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde) e BDENF (Base de Dados da Enfermagem), publicações apenas no idioma português, além de consultas a SciELO (Scientific Electronic Library Online). Como ferramenta complementar utilizou-se o buscador Google acadêmico.

No site BVS as palavras-chave e descritores foram: gênero, cuidado de enfermagem, inserção do masculino, início, enfermagem, escola, enfermeiro, história da enfermagem, com

o conector “AND”. E no buscador Google acadêmico: inserção da imagem masculina na enfermagem.

Para efetivar a coleta de dados realizou-se uma avaliação dos estudos incluídos na revisão, por meio de leitura exploratória para averiguar se a obra consultada se adequava aos critérios de inclusão. Essa avaliação permitiu a decisão final de manter o artigo na amostra ou excluí-lo.

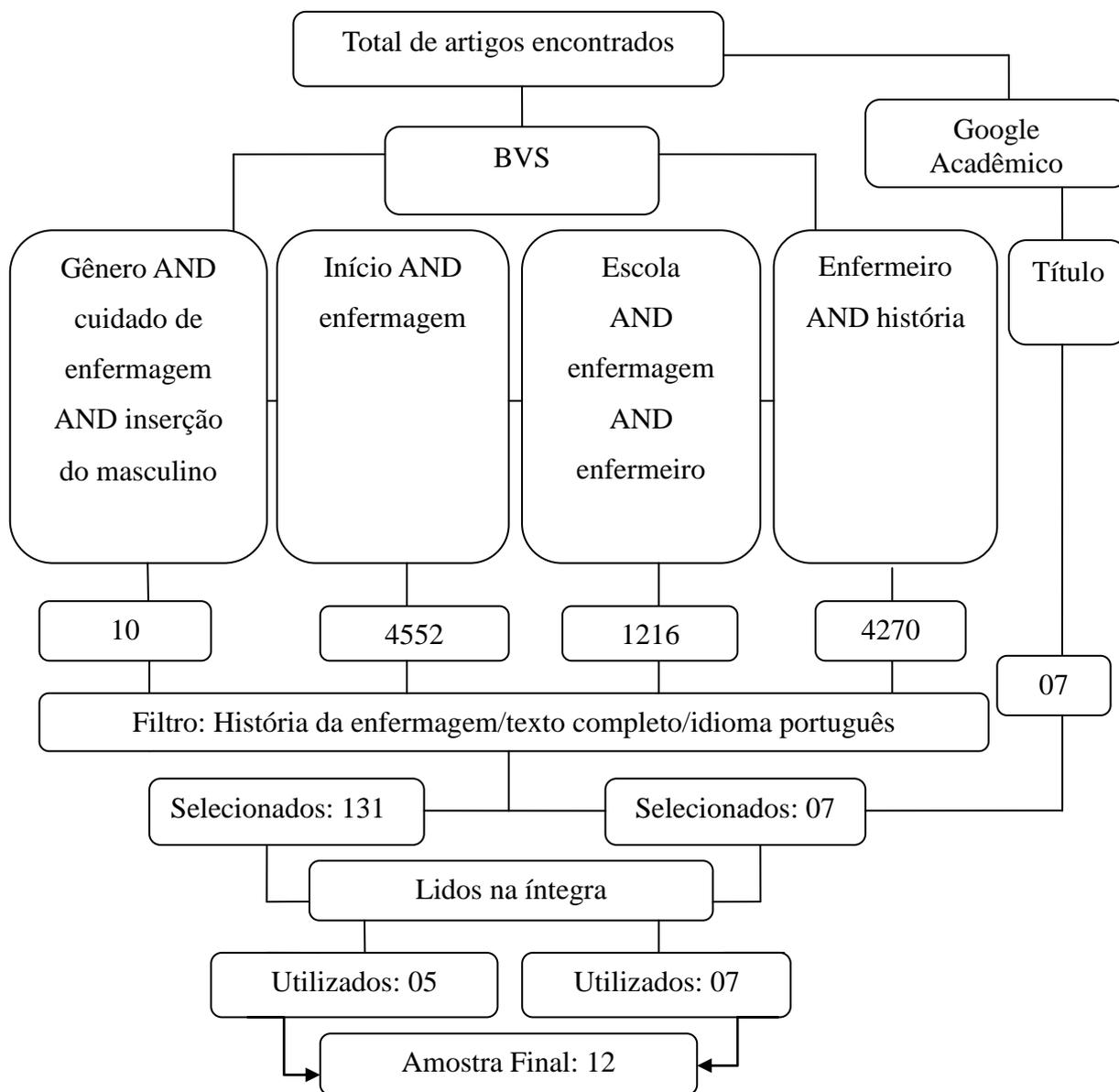
Posteriormente procedeu-se a leitura nos documentos na íntegra a fim de extrair, interpretar e categorizar as informações relevantes.

## 2.4 ANÁLISE DOS DADOS

Foram utilizados várias combinações de palavras chave e booleanos AND para captação da literatura no tema, sendo apresentados no fluxograma a seguir.

É importante ainda destacar que, os artigos indisponíveis na íntegra ou não gratuitos foram excluídos da amostra, pela impossibilidade em obtê-los.

Figura 1 - Fluxograma dos termos utilizados, resultados e amostra incluída, Juína-MT, 2018



De posse dos resultados das buscas os achados foram separados em pastas conforme a base de dados. Posteriormente deu-se início a leitura analítica dos textos arquivados de modo a possibilitar a obtenção das respostas ao problema da pesquisa.

Estabelecendo-se então uma primeira compreensão das informações a serem extraídas, verificando a pertinência ao assunto da pesquisa, separando as descrições históricas dos estudos para apresentação dos resultados. Adiante na última etapa foi feita uma discussão

entre os autores, para que fosse possível compreender os principais fatos que responderiam à pergunta da pesquisa.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos encontrados foram publicados entre os anos 1999 a 2017, no idioma Português, por estudantes de graduação em enfermagem, mestres e doutores.

#### 3.1 CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS E APRESENTAÇÃO DOS ESTUDOS

Foram incluídos 12 estudos na pesquisa e os títulos, objetivos, métodos, principais resultados são apresentados a seguir no quadro 01.

Quadro 1 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 01

|  |  |                  |
|--|--|------------------|
| Estudo 01  | <b>Título:</b> O cotidiano profissional do enfermeiro: das aparências às diferenças de gênero. | <b>Ano:</b> 1999 |
| <b>Objetivo:</b> Compreender o cotidiano, o contexto imaginário e as questões de gênero no trabalho e nas relações inter-profissionais.  |  |                  |
| <b>Métodos:</b> O grupo entrevistado foi selecionado de modo aleatório, são 9 enfermeiros em exercício na área hospitalar, ex-colegas de classe do autor, do gênero masculino, graduados na turma de 1977, na Escola de Enfermagem da Universidade do Rio de Janeiro.  |  |                  |
| <b>Principais resultados:</b> Os entrevistados foram quase unânimes em afirmar, que a discriminação do gênero, dentro da profissão é coisa do passado e era comum isso ocorrer quando entraram na escola de enfermagem, no fim da década de 70. Isso se deu, principalmente, dentro dos campos de estágio clínicos e em áreas mais femininas, no hospital ou em alguns serviços especializados em clínicas particulares, geralmente fora dos grandes centros urbanos. Esse fato revelou o peso que os papéis de gênero representavam na sua opção, ao entrar para a área e o significado de ser homem na enfermagem. |  |                  |

Quadro 2 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 02

|  |  |                  |
|--|--|------------------|
| Estudo 02  | <b>Título:</b> Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico | <b>Ano:</b> 2000 |
| <b>Objetivo:</b> Desvelar a trajetória de enfermeiros formados por uma escola pública (EEUSP).   |  |                  |
| <b>Métodos:</b> Pesquisa qualitativa, e entrevista com doze enfermeiros, sendo que após análise dos discursos oito foi realmente objeto de estudo.   |  |                  |
| <b>Principais resultados:</b> As proposições que emergiram revelaram que a inserção no mercado de trabalho para o enfermeiro do sexo masculino é difícil, muitos hospitais particulares de São Paulo não admitem enfermeiros. Na atuação profissional, os enfermeiros têm bom relacionamento com os demais membros da equipe de Enfermagem e as equipes médicas valorizam o trabalho do enfermeiro quando este se mostra capaz e competente no desempenho de suas funções. As pacientes do sexo feminino aceitam serem cuidadas pelos enfermeiros do sexo masculino. |  |                  |

Quadro 3 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 03

|   |  |                  |
|---|--|------------------|
| Estudo 03   | <b>Título:</b> HISTORIA DE ENFERMAGEM: evolução e pesquisa | <b>Ano:</b> 2002 |
| <b>Objetivo:</b> O texto faz um resgate de como os cuidados aos doentes eram prestados, até a institucionalização da profissão, o porquê do trabalho da enfermagem ser associado ao trabalho feminino.  |  |                  |
| <b>Métodos:</b> Trata-se de uma Revisão Bibliográfica sobre a história da enfermagem.   |  |                  |
| <b>Principais resultados:</b> No Brasil a historia da enfermagem não difere da Inglaterra: surge no período colonial com a chegada dos europeus e com as doenças endêmicas e epidêmicas. Nesse contexto surge à necessidade de pessoas capacitadas para cuidar dos enfermos, no qual em nosso país foram os homens quem iniciaram essa prestação de serviços, ao contrário da Inglaterra que foi iniciado por mulheres. |  |                  |

Quadro 4 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 04

|  |   |                     |
|--|---|---------------------|
| Estudo 04  | <b>Título:</b> Gênero, saúde e enfermagem: a inserção do masculino no cuidado de enfermagem | <b>Ano:</b><br>2004 |
| <b>Objetivo:</b> Desenhar novos contornos para o que se instituiu pela ótica feminista o registro histórico da profissionalização no país.   |   |                     |
| <b>Métodos:</b> Trata-se de uma revisão bibliográfica acerca da inserção do masculino nos contextos de prática clínica e social de cuidar no âmbito da Enfermagem.   |   |                     |
| <b>Principais resultados:</b> Apresenta e discute com propriedade as especificidades de determinadas áreas de atuação dos profissionais da área, onde a presença masculina é também imprescindível, por questões de bom senso e medidas de promoção de conforto, segurança, privacidade e bem-estar dos clientes sob cuidados e intervenções terapêuticas da Enfermagem. |   |                     |

Quadro 5 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 05

|  |   |                  |
|--|---|------------------|
| Estudo 05  | <b>Título:</b> Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva | <b>Ano:</b> 2006 |
| <b>Objetivo:</b> refletir sobre o gênero na sociedade em geral, focalizam em especial a enfermagem e tentam desembaraçar as tramas da questão do gênero em sua construção histórica.   |   |                  |
| <b>Métodos:</b> texto composto a partir de leituras em autores que trabalham a questão de gênero e de outros autores que se ocupam com a história da enfermagem, além documentos que legislam a enfermagem no Brasil.  |   |                  |
| <b>Principais resultados:</b> Quanto às denominações enfermeiro e enfermeira, a partir da criação das primeiras escolas de enfermagem no Brasil, em que os homens começaram sua inserção nos cursos, optava-se pelo uso da palavra enfermeira ao se designar as mulheres na profissão e enfermeiro para os homens. Em 1938, ao ser instituído o Dia do Enfermeiro, pelo Decreto nº2956, de 10 de agosto de 1938, celebrado em 12 de maio, assume-se, claramente, a denominação no masculino, numa data que é considerada tão importante e significativa para a enfermagem brasileira e que na sua grande maioria é constituída pelo gênero feminino. |   |                  |

Quadro 6 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 06

|   |  |                  |
|---|--|------------------|
| Estudo 06   | <b>Título:</b> HOMENS NA ENFERMAGEM: Atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional | <b>Ano:</b> 2008 |
| <b>Objetivo:</b> Discutir alguns atravessamentos de gênero na escolha, na formação e no exercício profissional de homens enfermeiros.   |  |                  |
| <b>Métodos:</b> Abordagem qualitativa de pesquisa. Participaram da entrevista seis enfermeiros que atuam na região de Porto Alegre – RS, e um na região noroeste do mesmo estado.   |  |                  |
| <b>Principais resultados:</b> O ingresso na profissão se deu de forma diferenciada entre os informantes considerando-se o contexto histórico de cada um, e a média da idade dos homens ao ingressarem na EEUSP estava próxima dos 23 anos, revelando ainda uma minoria masculina formado na enfermagem entre as décadas de 40 e 90 de apenas 2,37%. |  |                  |

Quadro 7 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 07

|  |  |                  |
|--|--|------------------|
| Estudo 07  | <b>Título:</b> EVOLUÇÃO DA ENFERMAGEM: Um recorte histórico, político e cultural | <b>Ano:</b> 2008 |
| <b>Objetivo:</b> Procura mostrar como era o cuidar, desde a idade antiga, onde a saúde tinha influência dos deuses e a assistência ao doente era praticada pelas mulheres.   |  |                  |
| <b>Métodos:</b> Pesquisa bibliográfica, estudo exploratório, descritivo e qualitativo  |  |                  |
| <b>Principais resultados:</b> A história da enfermagem se fundamentava numa visão do cuidar como forma de caridade, uma assistência de prática de enfermagem proposta por Florence Nightingale. Considerada a fundadora da enfermagem moderna, após treinamento em Keiserswerth, através de método observativo, Nightingale preconizou que a enfermagem era uma arte e que precisa de treinamento técnico-científico. Foi pioneira na criação de regras para os cuidados ao doente e para o ambiente e institucionalizou a enfermagem como profissão. No Brasil, o nome de destaque na área foi Anna Nery, e a primeira escola de enfermagem foi inaugurada no século XIX seguidas por várias outras no século seguinte, até a atualidade. |  |                  |

Quadro 8 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 08

|   |  |                  |
|---|--|------------------|
| Estudo 08   | <b>Título:</b> Cruz Vermelha Brasileira (filial São Paulo) na imprensa (1916-1930) | <b>Ano:</b> 2009 |
| <b>Objetivo:</b> Os objetivos deste artigo são de descrever e analisar sua visibilidade na imprensa escrita e discutir os efeitos da crença simbólica da Cruz Vermelha Brasileira à sociedade.  |  |                  |
| <b>Métodos:</b> Os documentos utilizados foram matérias jornalísticas, escritas e fotográficas, oriundas do portfólio.  |  |                  |
| <b>Principais resultados:</b> O estudo reúne diversas matérias jornalística, resultando em um achado relevante de duas publicações com fotos iguais, comprovando a presença de dois homens entre sete mulheres formados pelo curso da escola de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, filial do Estado de São Paulo no ano de 1927. |  |                  |

Quadro 9 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 09

|   |  |                  |
|---|--|------------------|
| Estudo 09   | <b>Título:</b> O ser masculino em sofrimento psíquico no curso de enfermagem | <b>Ano:</b> 2013 |
| <b>Objetivo:</b> Verificar presença de sofrimento psíquico em estudantes do sexo masculino da graduação em Enfermagem relacionado ao gênero e analisar fatores determinantes e atitudes de enfrentamento do sofrimento psíquico.  |  |                  |
| <b>Métodos:</b> Estudo descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa, realizado em uma universidade pública da cidade de São Paulo (SP), Brasil, com 16 estudantes do sexo masculino.   |  |                  |
| <b>Principais resultados:</b> Os participantes acreditavam no preconceito determinado sócio-historicamente. Ações de enfrentamento: união entre os homens, mostrar competência, apoio de pessoas afetivas, acreditarem em seu potencial. Determinantes do sofrimento psíquico: preconceito social de gênero, dos docentes e profissionais da Saúde. |  |                  |

Quadro 10 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 10

|  |   |                  |
|--|---|------------------|
| Estudo 10  | <b>Título:</b> FORMAÇÃO DE ENFERMEIRAS NA CIDADE DE JUIZ DE FORA: uniformes e identidade na escola de enfermagem Hermantina Beraldo (1947-1978) | <b>Ano:</b> 2014 |
| <b>Objetivo:</b> Descrever o vestuário usado pelas alunas da EEHB nos primeiros anos de seu funcionamento (1947-1964); analisar as transformações ocorridas nos uniformes da EEHB e suas relações com o panorama sócio-político da época (1965-1978); discutir o significado dos uniformes para a representação da imagem identitária da enfermeira diplomada pela EEHB. |   |                  |
| <b>Métodos:</b> Entrevistas com 21 alunos (17 mulheres e 04 homens), 07 docentes e uma funcionária da EEHB, que vivenciaram o período do estudo.   |   |                  |
| <b>Principais resultados:</b> Em 1968, a EEHB, passou a receber alunos do sexo masculino e adotou um uniforme constituído de calça ou saia na cor cinza, blusa branca e colete cinza para as mulheres; calça cinza e jaleco branco para os homens, com sapatos e meias na cor branca para ambos, utilizados nos campos de prática (hospitalar e saúde pública).          |   |                  |

Quadro 11 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 11

|   |   |                  |
|---|---|------------------|
| Estudo 11   | <b>Título:</b> Inserção masculina no primeiro curso de graduação em enfermagem de Alagoas 1974/1984 | <b>Ano:</b> 2016 |
| <b>Objetivo:</b> Analisar a inserção masculina nos dez primeiros anos do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas.   |   |                  |
| <b>Métodos:</b> As fontes primárias foram listas de ingresso dos anos 1974 a 1984 e as atas de colação de grau em Enfermagem dos anos 1977 a 1987. Os documentos foram submetidos à análise crítica externa e interna que comprovaram a autenticidade e as listas mostraram possuir valor de prova do acontecimento estudado. |   |                  |
| <b>Principais resultados:</b> apontaram que desde o primeiro vestibular houve procura masculina pelo curso de Enfermagem em Alagoas e alguns homens foram aprovados nos anos de 1974, 1975, 1976, 1977, 1979, 1981, 1982, 1984. Os primeiros enfermeiros se formaram em 1980 e mais três em 1983 e 1984.                      |   |                  |

Quadro 12 - Características Metodológicas e apresentação do estudo 12

|  |   |                  |
|--|---|------------------|
| Estudo 12  | <b>Título:</b> Homens na enfermagem: formação acadêmica posterior à graduação e trajetória profissional | <b>Ano:</b> 2017 |
| <b>Objetivo:</b> Identificar os homens egressos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo desde sua fundação e analisar a formação acadêmica posterior à graduação e sua vivência profissional.   |   |                  |
| <b>Métodos:</b> Levantamento por meio de questionário com homens formados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, nas décadas de 1950 a 1990, englobando um total de 20 participantes.   |   |                  |
| <b>Principais resultados:</b> Das turmas formadas de 1950 a 1999, a presença masculina é diminuta, com uma média de apenas 1,09 estudantes por turma, no entanto, o contingente masculino tem aumentado, de forma gradativa e lenta, desde a década de 1990 na Enfermagem. |   |                  |

### 3.2 O CHAMADO PARA A PROFISSÃO E AS PRIMEIRAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM

Encontra-se na literatura que os primeiros cuidados de Enfermagem no Brasil, abrangem a inserção masculina nos serviços de cuidado numa trajetória baseada no empirismo, a base de ervas medicinal, e outras formas de cuidado, nas quais no exercício das tarefas de cuidar estavam os escravos, estes auxiliavam os jesuítas que tinham as funções de médicos e enfermeiros, isso vai desde o período colonial até o século XX. (CAVALCANTI ET AL, 2008; TONINI E FLAMING, 2002).

Ao tecer seu estudo sobre a inserção masculina na Enfermagem, Machado (2004), parte do pressuposto que a perspectiva histórica da enfermagem ao considerar uma profissão feminina caracterizou a profissão sem expressão e de baixo valor social, reforçando no seu entendimento que os interessados na carreira vieram à maioria de classes sociais baixa financeiramente com a intenção de melhoria socioeconômica.

Nisso, a Enfermagem então caminha a passos lentos para a sua evolução, Cavalcanti et al (2008), evidencia que o processo ocorreu gradativamente sob influencia dos padrões da sociedade, o cuidado meramente assistencial passado de uma geração a outra se moderniza para uma “assistência técnico-científica” através da formação de profissionais em escolas de enfermagem.

Em 1543, segundo Tonini e Flaming (2002), acontece a fundação da primeira santa casa de misericórdia, em seguida criam-se várias outras. Nesse período as atividades de cuidado na Enfermagem no Brasil eram exercidas tanto por homens quanto por mulheres, Cavalcanti et al(2008) diz que a humanidade através de sua história tem visto diferentes formas de cuidar, e Florence Nightingale possibilitou compreender que a enfermagem era um tipo de assistência em forma de uma arte e que precisava de treinamento técnico-científico.

Por volta de 1860, Florence Nightingale institucionalizou a Enfermagem na Inglaterra, enquanto aqui, também no século XIX, embora não sendo de modelo nightingaleano, cria-se a primeira escola de enfermagem no Brasil, Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, iniciando os primeiros passos para profissionalização da Enfermagem no Brasil sob organização de médicos, Cavalcanti et al (2008), afirma que essa escola foi instituída pelo Decreto Federal nº 791 de 27 de setembro de 1890, e tinha por fim preparar profissionais para atuarem nos hospícios e hospitais civis e militares, funcionando nas dependências do Hospício Nacional dos Alienados, no qual se reorganizou durante várias décadas, atualmente a conhecemos como Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (UNIRIO).

Reforçando, Pereira (2008) que entrou em atividade a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras no Hospício Nacional dos Alienados permitida a inserção masculina na formação para enfermeiros visando tê-los por seus atributos como a força física, que ajudaria com os alienados ou para atender em enfermarias masculinas, Padilha, Vaghetti e Brodersen (2006), afirma que nesses locais o cuidar era menos importante do que a força, esta se fazia mais necessária no uso aos alienados.

Em 1916 criaram a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha, no qual, Porto, Campos e Oguisso (2009) fizeram um estudo em veiculação de mídias ocorridas entre 1916 a 1930 com intuito de verificar o poder simbólico da Cruz Vermelha Brasileira de São Paulo, e os resultados obtidos dentre as diversas notícias veiculadas na imprensa escrita, destaca-se a publicada em 1927, por força de uma das formaturas da Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, Filial do Estado de São Paulo. Duas fotos iguais foram publicadas, uma no jornal “Diário da Noite” e outra na imprensa ilustrada da revista “A Cigarra”, em que mostrava a presença de dois homens entre sete mulheres formados pelo curso de enfermagem da Cruz Vermelha.

Em 1923 criaram a Escola de Enfermagem Anna Nery, sua criação oficializada pelo decreto nº 16.300 de 31/12/1923, Pereira (2008) concerne que ela foi regulamentada a

primeira “escola padrão de ensino”, foi referência para várias escolas com seu modelo anglo-americano restringiu a entrada de ingresso masculino por algumas décadas.

Embora a existência de um padrão de ensino no Brasil, esta não determinava o uniforme nas escolas de enfermagem, cada um escolhia de acordo com suas necessidades e características, porém o uso da touca era comum em todos os uniformes, em sua dissertação de mestrado Almeida (2014), entrevistou 21 alunos (17 mulheres e 04 homens), 07 docentes e uma funcionária de uma escola de Enfermagem de Minas gerais, abrangendo a descrição do uniforme no período de 1947 a 1978, usados pelos alunos na Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (EEHB).

Assim, quanto às vestimentas, Porto, Campos e Oguisso (2009), esclarecem que na Escola de Enfermagem da Cruz vermelha, o resultado de uma fotografia do ano de 1927 mostra que os homens usavam roupa clara e símbolo da cruz no gorro e no braçal, semelhante aos que os médicos usavam na época.

Figura 2 - Foto de formandos do Curso de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira – Filial de Enfermagem de São Paulo (CVB-FESP)

Figura 1 - Formandos do Curso de Enfermagem da CVB-FESP.



Fonte: Revista Careta (1926)

Fonte: Revista Careta (1926)

No que tange a questão do uniforme, Almeida (2014), enfatiza que variava em cada escola de Enfermagem, e que por volta de 1968 com a entrada dos primeiros homens na Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (EEHB), compunha o uniforme masculino, calça comprida cinza e jaleco abaixo dos quadris, na cor branca.

Em 1933 criaram a Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em seguida, no ano de 1939 criaram a Escola Paulista de Enfermagem. Em 1942, é criada oficialmente pelo Decreto-Lei Estadual n. 13.040, a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), da qual foi objeto de estudo de Souza, Freitas e Hagopian (2017), identificar os homens egressos dessa escola entre os anos de 1940 a 1990 nos cursos na enfermagem, de fato resultou que em 1950 ocorre à primeira formatura incluindo cinco homens enfermeiros.

### 3.3 ABRINDO HORIZONTES PARA O INGRESSO MASCULINO

Segundo Pereira (2008) com a criação da Lei n. 775, de 6 de agosto de 1949 ampliou a possibilidade do homem ingressar nos cursos de enfermagem, essa lei instituiu nova orientação ao ensino de Enfermagem, a exemplo separação dos cursos de Enfermagem e de auxiliar de Enfermagem, não obrigatoriedade de equiparação ao padrão Ana Nery, exigência de ensino secundário para ingresso e obrigatoriedade de vinculação a faculdades de medicina que já existiam no país, cabia então aos médicos coordenar as novas escolas criadas no Brasil.

Pereira (2008) em sua dissertação de mestrado fez um estudo com sete enfermeiros já graduados, um é formado na década de 1960, três na década de 1970, dois na década de 1980 e um na década de 1990, a maioria estudaram no Rio Grande do Sul, apenas um no Rio de Janeiro. O autor ainda destaca que houve uma diferenciação em cada um dos informantes de como ingressaram na profissão, e de fato comum todos relataram não presenciar muitos homens no curso de enfermagem na época de sua graduação, sendo que para cinco dos sete informantes, a enfermagem foi o curso de primeira escolha.

Almeida (2014) cita em seu estudo que o primeiro aluno do sexo masculino a estudar na EEHB foi admitido no ano de 1967, no qual o aluno narra à dificuldade que foi para ingressar no curso de Enfermagem na época, pois a sociedade tinha o entendimento que essa profissão cabia a pessoas do sexo feminino, e que o mercado de trabalho para os homens ainda não tinha aceitação fácil, a não ser que fosse a formação em nível técnico, para a

concretização da matrícula desse aluno o diretor do Hospital João Penido intercedeu junto à direção da escola.

Em 1968, houve a primeira reforma universitária brasileira, segundo Pereira (2008), o ensino de enfermagem foi vinculado à universidade possibilitando o ingresso de homens nos cursos de formação, a seleção de ingresso no curso era por vestibular, e não mais por seleção direta, criando com isso condições de reorganização da prática dando visibilidade e prestígio social, tornando atraente a profissão em especial para os homens, Souza, Freitas e Hagopian (2017, p.3), afirma que antes da reforma em algumas escolas o “ingresso se dava por entrevista, recomendações pessoais do candidato ao curso de enfermagem e a análise do currículo”.

Padilha, Vagheti e Brodersen (2006) reforçam que a reforma universitária, alterou a organização, a administração e o funcionamento de vários cursos, ou seja, fez uma mudança profunda no sistema de ensino superior, principalmente em relação aos currículos, aquelas escolas de enfermagem de nível superior que só aceitava mulheres como alunas, a partir do ingresso por vestibular fez com que abrisse as portas da Universidade para os homens que quisessem ingressar em qualquer profissão, inclusive a enfermagem.

Com a entrada de homens nos cursos de enfermagem, Padilha, Vagheti e Brodersen (2006, p.7) afirmam que a situação começou a se transformar, estes começaram a “assumir cargos de direção e chefias nas instituições de saúde e entidades de classe” e quanto ao termo “Enfermeiro” passou a ser notado e escrito nos textos em que referenciassem a profissão, denotando uma linguagem de inclusão do ser masculino.

Pereira (2008) afirma que mesmo a partir da abertura de ingresso de homens no ensino formal da enfermagem brasileira, a profissão continuou sendo vinculada à essência feminina, e essa representação talvez tenha sido determinante para afetar a entrada no ensino de enfermagem para os homens, levando a pouca procura por homens pela enfermagem naquela época, concordando Almeida (2004), que mesmo após a normalização da entrada de homens, as turmas posteriores a 1968 permaneceram com um contingente de homens bem abaixo do feminino tanto na escola EEHB como também em outros cursos de enfermagem distribuídos pelo país.

Souza et al (2016) ao analisar a inserção masculina nos dez primeiros anos do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, os resultados apontaram que desde o primeiro vestibular houve procura masculina pelo curso de Enfermagem em Alagoas

e alguns homens foram aprovados nos anos de 1974, 1975, 1976, 1977,1979, 1981,1982, 1984. Os primeiros enfermeiros se formaram em 1980 e mais três em 1983 e 1984. Apontando também uma diferença marcante entre os homens ingressantes e concluintes, Souza et al (2016) mostra que dos 71 que entraram, somente 9 se formaram dentro do recorte temporal definido, isso corresponde 1,3% do total, demonstrando a dificuldade do percurso desses estudantes.

### 3.4 O PSICOLÓGICO DO HOMEM ENFERMEIRO

Mauricio e Marcolan (2016) em seu estudo parte do pressuposto de que homens podem desenvolver sofrimento psíquico durante a graduação no curso de Enfermagem devido ao fato de haver uma minoria na profissão e no curso, tendem a sofrer com preconceitos e discriminações, assim com vistas a diminuir ou sanar essas deficiências visa propor ações a auxiliar a construção de nova concepção da presença masculina na Enfermagem. Participaram do seu estudo 16 estudantes do sexo masculino matriculados nas quatro séries do curso de graduação em Enfermagem de universidade federal no município de São Paulo-SP, Brasil.

Santos e Takahashi (2000) ao estudar a trajetória de 8 enfermeiros do estado de São Paulo formados por uma escola pública, aponta em sua dissertação de mestrado, que há uma diferença de aceitação da imagem masculina nos serviços de enfermagem quando se busca emprego, pois na esfera pública há uma aceitação maior do que na esfera privada em que as consequências das seleções internas acabam restringindo a inserção masculina.

Confirmando ainda Santos e Takahashi (2000, p.6), nas falas de cinco de seus entrevistados haver um quadro maior de mulheres na enfermagem nos hospitais, e nas relações com as colegas enfermeiras “há certa discriminação por parte delas”, há uma resistência em ter um enfermeiro como chefe. E Somente em uma fala, há uma discordância evidenciando que as enfermeiras gostam de ser comandadas por um profissional do sexo masculino, pois estes “oferecem segurança e tranquilidade à equipe”, confirmando Pereira (2008) que a possibilidade de ingresso masculino na Enfermagem não superou as discriminações geradas em torno da cultura construída pela sociedade.

Preocupado com a expectativa do crescimento na participação dos homens na enfermagem nas décadas de 70 e 80, Pereira (1999) em sua tese, propôs dentre outros objetivos o de compreender o cotidiano e as questões de gênero no trabalho do Enfermeiro,

entrevistou nove enfermeiros graduados em 1977 na escola Alfredo Pinto, idéias levaram este autor a dar voz ao dia-a-dia e ao imaginário desses homens, seus ex colegas de turma, e a partir dos depoimentos obteve os resultados que “é conveniente a participação dos homens para os serviços de enfermagem tornando-o peça essencial de produção atual”. (PEREIRA, 1999, p.6)

Pereira (1999) confirma que o Enfermeiro ao dividir espaços profissionais na enfermagem com mulheres, de certa forma causou menosprezo, consequência da demora no avanço dessa presença masculina nos espaços da enfermagem, sendo até mesmo ilhados para determinadas áreas específicas.

Machado (2004) em seus resultados aponta que a presença masculina é imprescindível a inserção masculina em determinadas áreas da Enfermagem, por exemplo, nas internações clínicas ou cirúrgica de urologia, proctologia, ortopedia, neuro e traumatologia, e psiquiatria.

O homem sente o reflexo disso quando é levado a ocupar lugares remetidos culturalmente ao masculino, em que se tornam necessárias características como a força física em unidades de emergência e psiquiátricas, e a mulher, para áreas como pediatria, ginecologia e maternidade. (PEREIRA, 2008; MAURICIO E MARCOLAN, 2016)

Em seu entendimento Pereira (1999) afirma que a inserção da imagem masculina na enfermagem brasileira foi devido aos componentes de sua força física, pressupondo que na sociedade moderna o homem alterno entre a composição de ser um homem forte produtivo, e ser também levado a emoções e sensibilidade, totalmente contrário a primeira composição, “a condicionante da força, vai aos poucos, deixando de ter sua importância e de certo modo, o homem vai ganhando espaços em áreas não tão ligadas a esta condicionante.” (PEREIRA, 1999, p.61)

Segundo Mauricio e Marcolan (2013), os fatores motivadores a inserção na Enfermagem, obteve maior resposta que a “profissão hoje ser de maior condição favorável” caracterizada por vários fatores, como fácil empregabilidade, salário, ser líder, ascensão, e ao serem questionados sobre o que leva a sofrer preconceito, os resultados apontaram “respostas com maior prevalência para evolução histórico-cultural com a profissão considerada feminina.” ( MAURICIO E MARCOLAN, 2013, p.3).

Quanto às mudanças de paradigma e aos papéis e funções relacionadas ao gênero, Mauricio e Marcolan (2013), e seu estudo aponta que o fato de mulheres exercerem majoritariamente a profissão leva a maior necessidade da “discussão baseada nas

desigualdades quanto à inserção do ser masculino na profissão”, devendo haver extinção do preconceito, e maior aproximação das relações, evitando conflitos e competição, e desse modo promover integração que eleve a qualificação para a profissão.

Machado (2004) afirma esta havendo uma mudança na representatividade masculina da Enfermagem no terceiro milênio, no qual ele sugeriu um repensar no discurso acadêmico tão apegado na ótica feminista, para que se possa enquadrar a enfermagem relacionando os dois gêneros em harmonia em atuação nas múltiplas maneiras de cuidar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou 12 estudos para traçar a trajetória masculina na Enfermagem moderna Brasileira, visando responder a pergunta de pesquisa: Quais as evidências publicadas sobre a inserção do homem na Enfermagem moderna brasileira?

Conclui-se que o homem passou por uma trajetória difícil, visando desde então marcar seu espaço nessa profissão, no qual a vinculação da Enfermagem com o gênero feminino, fez disso uma barreira, gerando preconceitos, de inserção masculina nos cursos de enfermagem no Brasil.

Podemos dizer que a reforma universitária ampliou o acesso de inserção masculina, dando maior visibilidade ao homem no papel de enfermeiro. Assim a hegemonia existente de profissão feminina deu espaço a uma nova realidade de mudanças que tendem a favorecer os serviços de enfermagem.

As maiorias dos estudos evidenciaram que o homem sempre foi e ainda é minoria na enfermagem, e que a não aceitação em determinadas áreas dos cuidados de enfermagem ainda é predominante. Sendo que não é questão de gênero que determina a eficácia do serviço desempenhado, e sim vários outros fatores que compõe a capacidade de atuação do profissional enfermeiro.

Podemos considerar a existência de poucas discussões sobre o tema inserção masculina na enfermagem nos meios acadêmicos. Fato este comprovado, pois na literatura não se encontra muitas pesquisas que tratam desse assunto, necessitando de mais pesquisa relacionado ao trabalho em enfermagem e inserção do gênero masculino.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Regina Lucia Muniz de. **Formação de Enfermeiras na Cidade de Juiz de Fora: uniforme e identidade na escola de enfermagem Hermantina Beraldo (1947-1978)**. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- ANTONIO, Carlos Gil. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo. Atlas. 2008.
- CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira. **Rev. bras. enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 6, Dec. 2008
- CAVALCANTI, Maria Conceição Sousa et al. **A evolução da enfermagem: um recorte histórico, político e cultural**. 2008
- COFEN- Conselho federal de enfermagem. **Pesquisa do perfil da Enfermagem brasileira**. Disponível em <<https://portal.fiocruz.br/pt-br/content/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem-no-brasil>>, acesso em 25 fev. 2013.
- DOS SANTOS, Silvia Alves et al. **Inserção masculina no primeiro curso de graduação em enfermagem de Alagoas –1974/1984**. 2016.
- DE SOUZA COSTA, Kleber; DE FREITAS, Genival Fernandes; HAGOPIAN, Ellen Maria. Homens na enfermagem: formação acadêmica posterior à graduação e trajetória profissional. **Revista de Enfermagem UFPE** online, v. 11, n. 3, p. 1216-1226.
- GASTALDO, Denise Maria. MEYER, Dagmar, Estermann. A formação da Enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília. 1989.
- HORTA, Wanda de Aguiar. Conceito de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. 1968.
- KLETEMBERG, Denise Faucz; SIQUEIRA, Márcia TA Dalledone. A criação do ensino de enfermagem no Brasil. **Cogitare Enfermagem**, v. 8, n. 2, 2003.
- MACHADO, Wiliam César Alves. Gênero, **saúde e enfermagem**: a inserção do masculino no cuidado de enfermagem. (Online), v. 3, n. 2, 2004.

MAURICIO, Luis Felipe Sales; MARCOLAN, João Fernando. O ser masculino na Enfermagem: Sofrimento psíquico por questão de gênero. In: **Congresso Internacional Gênero (s) e Saúde: (In) Determinações e Aproximações**, 2013, Coimbra. O ser masculino na Enfermagem: Sofrimento psíquico por questão de gênero, 2013.

MEDEIROS, Marcelo. TIPPLE, AnaClara Ferreira Veiga. MUNARI, Denize Bouttelet. A Expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. **Rev. Eletr. Enf.**[internet].2008.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; VAGHETTI, Helena Heidtmann; BRODERSEN, Gladys. **Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva**. 2006.

PARGA, Erica Jordane de S. SOUSA, Jimi Hendrex Medeiros de. COSTA, Maria Conceição. Estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de Enfermagem da UFBA. **Revista Baiana de Enfermagem**. 2001. p.109

PEREIRA, Álvaro. **O cotidiano profissional do enfermeiro: das aparências às diferenças de gênero**. Pelotas: Editora Universitária / UFPEL; Florianópolis: UFSC, 1999. (Série Teses em Enfermagem, 17)

PEREIRA, Paulo Fábio. **Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: Faculdade de Enfermagem, UFRGS, 2008.

PORTO, Fernando; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. Cruz Vermelha Brasileira (filial São Paulo) na imprensa (1916-1930). **Esc. Anna Nery** [online]. 2009, vol.13, n.3, p.492-499. ISSN 1414-8145.

SANTOS, Carlos Eduardo dos; TAKAHASHI, Regina Toshie. Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 53, n. 2, p. 183-191, 2000.

TONINI, Nelsi Salete; FLEMING, Silvia Falleiros. História de enfermagem: evolução e pesquisa. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 6, n. 3, 2002.